

# OS LIVROS DE TEOLINDA GERSÃO PUBLICADOS NO BRASIL

DÉCIO TORRES CRUZ<sup>1</sup>

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

**Resumo:** Este ensaio aborda quatro livros da escritora portuguesa Teolinda Gersão publicados no Brasil: os romances *A árvore das palavras* (2004), *A cidade de Ulisses* (2017), *O Regresso de Júlia Mann a Paraty* (2021); e o livro de contos *Alice e outras mulheres* (2020). Com exceção do primeiro, publicado pela Editora Planeta, os outros foram publicados no Brasil pela editora Oficina Raquel. Este trabalho tem por objetivo apresentar os principais pontos de cada livro para que as pessoas que ainda não conhecem a sua obra passem a conhecê-la e, conseqüentemente, descubram o potencial criativo e estilístico dessa autora que figura no rol dos melhores escritores do mundo. O trabalho analisa, ainda, as principais características dessas obras no que se refere a temas, cenário e personagens e como a autora faz uso de uma linguagem poética para denunciar problemas relativos a preconceitos, raça, gênero e identidade.

**Palavras-Chave:** Teolinda Gersão, Brasil, raça, gênero e identidade

**Abstract:** This essay discusses four books by the Portuguese writer Teolinda Gersão published in Brazil: the novels *The Word Tree* (2004), *The City of Ulysses* (2017), *The Return of Julia Mann to Paraty* (2021); and the book of short stories *Alice and other women* (2020). Except for the first, published by Editora Planeta, the others were published in Brazil by Oficina Raquel. This work aims to present the main points of each book so that people who do not yet know her work come to know it, and, consequently, discover the creative and stylistic potential of this author who may be listed as one of the best writers in the world. This paper also analyzes the main characteristics of these works with regard to themes, setting and characters and how the author uses a poetic language to approach problems related to prejudice, race, gender and identity.

**Keywords:** Teolinda Gersão, Brazil, race, gender and identity

---

<sup>1</sup> Escritor, crítico literário, professor aposentado da UFBA e da UNEB, acaba de ser eleito para a cadeira 19 da Academia de Letras da Bahia.

A literatura portuguesa possui uma grande tradição criativa desde a sua origem no século XII. A sua fase embrionária medieval trovadoresca do galego-português e suas cantigas desemboca no Humanismo de Gil Vicente e no poema épico de Camões na Renascença, passa pela era clássica dos séculos XVI ao XVIII, com excelentes escritores em seus períodos romântico e moderno (Almeida Garret, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, Antero de Quental, Eça de Queirós, Florbela Espanca, Fernando Pessoa) até chegarmos à era contemporânea, com José Saramago, Lídia Jorge, dentre muitos outros. Neste cenário surge a escritora Teolinda Gersão, que embora seja bastante conhecida em Portugal, só recentemente passou a ter mais divulgação no Brasil após as publicações de alguns de seus livros em nosso território. É exatamente sobre esses livros que me ocuparei neste ensaio.

Teolinda Gersão nasceu em Coimbra, estudou Germanística, Romanística e Anglistica nas Universidades de Coimbra, Tübingen e Berlim. Foi Leitora de Português na Universidade Técnica de Berlim, Professora Assistente na Faculdade de Letras de Lisboa e depois Professora Catedrática da Universidade Nova de Lisboa, onde ensinou Literatura Alemã e Literatura Comparada. Além de Portugal, onde vive atualmente, a escritora morou em outros países, tendo passado três anos na Alemanha e dois anos em São Paulo, Brasil, cuja estada se reflete em alguns textos de *Os Guarda-Chuvas Cintilantes* (1984). Também conheceu Moçambique e a cidade de Lourenço Marques,<sup>2</sup> onde transcorre o romance *A árvore das palavras* (1997). Além disso, passou dois meses como escritora residente na Universidade da Califórnia em Berkeley.

Teolinda Gersão estreou na literatura em 1981 com o romance *O silêncio*. De lá para cá, já escreveu vinte livros, publicados e traduzidos em mais de vinte países. Embora a autora tenha se consolidado como romancista, até agora publicou duas novelas (*Os Teclados* e *Os Anjos*) e cinco coletâneas de contos (*Histórias de Ver e Andar*, *A Mulher que Prendeu a Chuva*, *Prantos*, *Amores e Outros Desvarios*, *Atrás da Porta* e *Outras Histórias* e *Alice e outras histórias*). Alguns dos seus contos e livros foram adaptados para o cinema e para o teatro e as peças foram encenadas em Portugal, na Alemanha e na Romênia. Além disso, a obra dessa autora vem despertando a atenção da academia e vários estudos de sua obra (ensaios, teses e dissertações de mestrado) vêm sendo escritos tanto em universidades estrangeiras como brasileiras e vários deles encontram-se disponíveis no site oficial da autora.<sup>3</sup> A *Revista do Centro de Estudos Portugueses* da Universidade Federal de Minas Gerais dedicou-lhe um volume inteiro em sua homenagem, o dossiê “Teolinda Gersão: 40 anos de

---

<sup>2</sup> Capital do país, hoje denominada Maputo.

<sup>3</sup> Gersão, Teolinda. *Teolinda Gersão*. Disponível em: <https://teolindagersao.com/> Acesso em: 29 ago. 2022.

vida literária”, numa iniciativa conjunta de homenagens aos 40 anos de escrita desta autora pelos acadêmicos Annabela Rita, Miguel Real e Roberto Bezerra de Menezes.<sup>4</sup>

Considerada uma das maiores escritoras portuguesas da atualidade, recebeu os mais renomados prêmios literários nacionais, dentre os quais, destacam-se o Grande Prêmio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (1995), o Prêmio do PEN Clube (1981 e 1989), o Grande Prêmio do Conto Camilo Castelo Branco, o Prêmio Fernando Namora (2001 e 2015) e o Prêmio Literário Vergílio Ferreira 2017 pelo conjunto da sua obra. Em 2018, foi-lhe atribuído o *Marquis Lifetime Achievement Award*.<sup>5</sup>

Neste ensaio, discorreremos sobre quatro livros dessa autora publicados no Brasil, aqui organizados pela ordem de publicação.

### A árvore das palavras

O primeiro livro de Teolinda Gersão publicado no Brasil foi *A árvore das palavras* (2004). Neste romance, cativante como toda sua obra, a autora prende o leitor desde o início, conduzindo-o com maestria pelos caminhos de uma narrativa carregada de muita sensibilidade que se extravasa pelo lirismo de sua linguagem. A história se passa em Lourenço Marques, Moçambique, ainda durante o período colonial quando começam os movimentos revolucionários e a guerra por sua libertação do domínio português. Como destaca Dinameire Oliveira Carneiro Rios em sua tese *Vozes dissonantes: a representação da mulher colonial no novo romance histórico*,

*A árvore das palavras* remonta à relação de Portugal e Moçambique antes e durante o processo de descolonização, e, dentro dessa tendência recorrente da produção portuguesa contemporânea de viés histórico, centra a narrativa na ótica feminina para revelar o cotidiano da capital Lourenço Marques durante as décadas de 1940 a início de 1960, bem como a relação com a metrópole no processo em prol da independência.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Rita, Annabela; de Menezes, Roberto Bezerra, orgs. “Dossiê Teolinda Gersão: 40 anos de vida literária”. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, v. 41, n. 66. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2º semestre de 2021.

<sup>5</sup> Lista completa de seus livros em ordem decrescente de data de publicação: *O regresso de Júlia Mann a Paraty* (2021), *Alice e outras mulheres* (2020), *Atrás da porta e outras histórias* (2019), *Prantos, amores e outros desvarios* (2016), *Passagens* (2014), *As águas livres* (2013), *Os teclados e três histórias com anjos* (2012), *A cidade de Ulisses* (2011), *A mulher que prendeu a chuva* (2007), *Histórias de ver e andar* (2003), *O mensageiro e outras histórias com anjos* (2003), *Os anjos* (2000), *Os teclados* (1999), *A árvore das palavras* (1997), *A casa da cabeça de cavalo* (1995), *O cavalo de sol* (1989), *Os guarda-chuvas cintilantes* (1984), *História do homem na gaiola e do pássaro encarnado* (1982), *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982), *O silêncio* (1981).

<sup>6</sup> Rios, Dinameire Oliveira Carneiro. *Vozes dissonantes: a representação da mulher colonial no novo romance histórico*. (Tese de doutorado). Salvador, UFBA, 2019. p. 127. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28744>. Acesso em: 29 ago. 2022.

A cidade e o seu cotidiano são apresentados ao leitor a partir da perspectiva da infância e da adolescência da personagem Gita. O romance é dividido em três partes e, em duas delas, a protagonista conduz o leitor pelos caminhos de sua subjetividade. A primeira parte é construída pela memória da narradora-personagem. Na sua relação com o espaço e com as pessoas com quem convive, ela vai moldando sua identidade, ao mesmo tempo em que vai descobrindo, construindo e reelaborando a identidade de seu país.

O romance se inicia com as memórias da infância da narradora-protagonista no quintal de sua casa. Este espaço torna-se um símbolo que a conecta com a terra-mãe e com Lóia, sua antiga ama-de-leite que continua trabalhando como empregada da casa. Essas lembranças são descritas com o lirismo que geralmente caracteriza a obra de Teolinda Gersão. Outra característica que reaparece com frequência em outros livros desta autora é a construção da história do romance a partir da visão feminina, embora neste romance apareçam perspectivas divergentes entre a filha Gita e sua mãe, Amélia, em relação ao espaço que habitam e às pessoas que ali moram. Esse choque de perspectivas permite que Gita se identifique muito mais com Lóia do que com sua verdadeira mãe, fazendo com que ela desenvolva uma ligação afetiva e maternal com a segunda. A partir de suas lembranças das pessoas e dos espaços que a circundavam na infância, Gita tenta reconstruir suas relações afetivas e com a natureza e o modo como descobriu o mundo e as coisas ao seu redor.

O romance destaca a vida de uma família que convive entre dois mundos, o universo dos brancos e aquele dos africanos negros, cheio de sofrimento, mas também alegre e repleto de luz e cor. Através da visão da garota Gita em dois momentos distintos de sua vida, quando menina e quando jovem, penetramos este universo dividido, simbolizado pela casa bipartida em Casa Branca e Casa Preta, onde situavam-se, respectivamente, em espaços delimitados, os personagens Amélia e Lóia.

A Casa Branca é o local habitado pela mãe Amélia, que faz questão de se manter afastada do espaço e da cultura local. A Casa Preta, que também integra o quintal, é parte do universo de Lóia, e, portanto, representa o espaço moçambicano. Do convívio nestes espaços simbólicos, surge a segregação racial. Embora não rigidamente demarcado por limites físicos, a protagonista consegue detectar o preconceito no distanciamento da mãe em relação ao país e ao povo moçambicano, que era representado por Lóia. Como afirma Rios,

a parte da casa que conseguia “domesticar” e manter dentro de um padrão de ordenamento e civilidade europeia seria, na perspectiva de Amélia, distinta e superior daquele lado da casa que mais se assemelhava ao espaço africano, identificado pela mãe de Gita como desordenado, caótico e perigoso. O distanciamento que desde os primeiros dias de vida marcou a relação entre Gita e a mãe, a proximidade que possuía com o pai e Lóia e modo espontâneo e contemplativo da protagonista são alguns dos motivos que fazem com que ela imediatamente associe a si, o pai e Lóia como parte desse ambiente livre e natural. Em oposição a isso, Amélia fazia do ambiente de trabalho, o quarto de costura, um microcosmo que a mantinha não apenas longe da natureza selvagem africana, que tentava se transmutar em sua frente através do próprio quintal da casa, mas também das relações sociais e familiares.<sup>7</sup>

Assim, as diferenças ideológicas entre o pai e a mãe de Gita também são simbolizadas através do espaço. Amélia se refugia na Casa Branca, num espaço que ela tenta manter asséptico, e se distancia da população e cultura africanas, enquanto Gita associa seu pai, Laureano, ao quintal e à Casa Preta. O quintal era a metáfora para o não civilizado, o não-europeu, “que crescia como uma coisa selvagem [...] que se amava ou se odiava”<sup>8</sup> e contrastava com a cidade de cimento, residência dos colonos brancos e que lembrava Lisboa. Devido à identificação da filha com Lóia e a Casa Preta, Amélia passou a culpar a ama pelo fato de Gita não gostar dela.

Através de técnicas modernas e contemporâneas, tais como, mudança de foco narrativo, *stream of consciousness* (fluxo de consciência), avanços e retornos em flashes de memória, a autora constrói a sua teia narrativa, por vezes utilizando um discurso cinematográfico que se atém a detalhes das cenas, e nos apresenta personagens que resumem o universo humano com suas dores, alegrias, tristezas e limitações, e que replicam os comportamentos, desejos e anseios de todos nós: Amélia, a mãe, é uma costureira que almeja para si o luxo, o glamour e o mundo de sonhos de suas freguesas; o pai, Laureano, é um personagem que insere totalmente no espaço; Lóia, a negra ama-de-leite, torna-se a mãe substituta de Gita, a pessoa que ela admira e com quem se identifica; e Rodrigo é o rico namorado de olhos de cor indefinida como sua própria personalidade. Em meio a isso

---

<sup>7</sup> Rios, Dinameire Oliveira Carneiro. *Vozes dissonantes: a representação da mulher colonial no novo romance histórico*. (Tese de doutorado). Salvador, UFBA, 2019. pp. 128-9. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28744>. Acesso em: 29 ago. 2022.

<sup>8</sup> Gersão, Teolinda. *A árvore das palavras*. São Paulo: Planeta, 2004. p.10.

tudo, a autora nos proporciona diversos temas que aparecem de forma velada ou, às vezes, explícita, como as diferenças de mundos, as questões raciais, sociais e de gênero, a diversidade cultural predominante e os preconceitos por ela provocados, os sonhos e desejos femininos, o desabrochar das paixões, a descoberta e procura do amor e suas consequências, colonialismo e as lutas por liberdade e independência, seja tanto no plano pessoal quanto no ideológico quando a busca da liberdade individual se expande na busca da liberdade do país. Como pano de fundo, temos o continente africano que se transforma no personagem principal de todo este cenário, estabelecendo uma grande metáfora para o enredo.

Após a publicação de *A árvore das palavras* pela Editora Planeta, a editora Oficina Raquel publicou três outros livros dela no Brasil: o romance *A cidade de Ulisses* (2017); o livro de contos *Alice e outras mulheres* (2020); e o romance mais recente, *O Regresso de Júlia Mann a Paraty* (2021).

### **A cidade de Ulisses**

Este romance está dividido em 3 capítulos. O primeiro subdivide-se em três partes, denominadas “Em volta de um convite”, “Em volta de Lisboa” e “Em volta de nós”. O segundo capítulo denomina-se “Quatro anos com Cecília” e o terceiro “A cidade de Ulisses”. Como destacou Ronaldo Cagiano em artigo para o *Jornal Opção*, *A cidade de Ulisses* é uma narrativa vigorosa, híbrida, sinérgica, e de temática abrangente, no qual a escritora cria uma fusão entre ensaio, romance e história.<sup>9</sup>

Mesclando elementos da arte literária com a arte pictórica, o livro foi construído como um diálogo deliberado entre a literatura e as artes plásticas devido ao interesse de Teolinda Gersão por essa área e às diversas conversas estabelecidas entre ela e os amigos artistas plásticos, dentre os quais ela destaca as figuras de João Vieira e José Barrias. Barrias, que foi o primeiro leitor deste romance e acompanhou sua escritura desde o início, é a referência de diversos motivos da exposição citada no Capítulo III, como ela esclarece na “Nota inicial”:

---

<sup>9</sup> Cagiano, Ronaldo. “A cidade de Ulisses”, de Teolinda Gersão, é um prato cheio para o leitor amante de narrativas híbridas”. *Jornal Opção*. 28 outubro 2017. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/cidade-de-ulisses-de-teolinda-gersao-e-um-prato-cheio-para-o-leitor-amante-de-narrativas-hibridas-108463/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

a sedução da escrita, a jangada de Ulisses, *Quase romance*, a recriação da água imensamente azul, a instalação *Nostos*, a carta ao pai, a que chamou *A imagem da sombra*, são elementos da exposição *José Barrias etc.* apresentada há alguns anos no CAM, e que aqui reutilizei livremente. O motivo da *Ode marítima* manuscrita sobre a fachada da casa natal de Fernando Pessoa é igualmente uma ideia de José Barrias, que em 1995 transcreveu o texto nas paredes do quarto do poeta, na Rua Coelho da Rocha, numa instalação com o título *Um quarto de página*.<sup>10</sup>

Esta interconexão entre as artes visuais e a literatura que a autora estabelece em seu romance é uma das características da literatura pop, uma vez que os escritos que se enquadram nesta tipologia sempre enfatizam esta relação mútua entre as diferentes artes.

A narrativa inicia com o recebimento de um convite do diretor do CAM para uma exposição sobre Lisboa que o protagonista Paulo Vaz, um professor de artes plásticas, recebe e que havia sido fruto de um projeto antigo que ele tinha desenvolvido anteriormente com sua antiga companheira e ex-aluna Cecília. A princípio, hesita, pois não seria mais um projeto duplo, mas depois resolve aceitar como forma de homenagear postumamente a antiga amante e declarar seu amor a ela e à cidade de Lisboa, embora esta decisão possa criar um atrito com sua mulher atual, Sara.

A história da paixão conturbada de Paulo por Cecília vai sendo revelada aos poucos, já que a autora utiliza um estilo econômico, apresentando a base de seu enredo de forma homeopática, prendendo a atenção do leitor e obrigando-o a prestar atenção a pequenos detalhes desde o início da narrativa. O namoro de Paulo e Cecília foi interrompido após ela revelar sua gravidez a ele. A notícia não foi bem aceita por Paulo, gerando uma discussão violenta entre eles, o que provocou um acidente e a consequente perda da criança. Com isso, eles se afastam e seguem seus destinos em lugares diferentes. Desta história particular de um casal, a autora constrói a história pública de um país. Ao mesmo tempo que a história de Paulo e Cecília nos é contada, despontam, ainda, as difíceis relações familiares entre Paulo, sua esposa e seus pais. Do interior deste universo ficcional romântico e familiar, surge a história da cidade e do país. Como num jogo de espelhos, a história particular dos personagens reflete a história do país a partir de sua origem mítica.

Dessa forma, o enredo apresenta dois planos narrativos: por um lado, uma história de amor e uma conturbada relação entre os personagens em tempos e lugares distintos; por outro, destaca-se o amor e o olhar apaixonado por Lisboa e sua história, que se expande

---

<sup>10</sup> Gersão, Teolinda. *A cidade de Ulisses*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017, 9.

para além dela para abarcar a história do país e o seu legendário mito fundador, bem como a sua expansão marítima em tempos heroicos de descobrimentos e colonização. É por causa da lenda da fundação da cidade por Ulisses, o enredo se espalha pelo continente europeu e abrange também a história literária ao englobar a *Odisseia*, de Homero. Como destaca Cagiano,

“A cidade de Ulisses” realiza um delicado transporte mítico e sensorial por uma Lisboa antiga tendo como catapulta dois protagonistas que emulam esse trânsito onírico: os pintores Paulo Vaz e Cecília Branco. A partir dessa relação, outras se desenvolvem, para deambular por um grande cenário histórico e humano da capital lusa, num leque crítico e inquiridor que vai da era dos Descobrimentos à atualidade, quando passado e presente se interpenetram em intensa simbiose, promovendo a autora um mergulho numa aguda atmosfera em que os mitos e a realidade se fundem para uma compreensão da própria identidade portuguesa.<sup>11</sup>

De forma magistral, a autora mescla a paixão dos protagonistas à paixão pela arte e pela cidade, contrapondo outros dois planos, o interior *versus* o exterior, como descritos por Cagiano: a interrupção da história de amor de Paulo e Cecília geram “uma busca pela própria essência – a interior, dos personagens; a exterior, social, política e histórica”.<sup>12</sup> E com maestria, Teolinda constrói um livro polifônico onde diversas vozes se encontram para um resgate de memórias individuais e nacionais, mesclando estilos e gêneros narrativos em sua encantatória linguagem poética.

### **Alice e outras mulheres**<sup>13</sup>

*Alice e outras mulheres*, coletânea dos melhores contos da autora, foi publicado no Brasil em 2020. Seu lançamento estava previsto para ocorrer durante o Festival Literário Internacional de Poços de Caldas (FliPoços). Contudo, por causa da pandemia, o seu

---

<sup>11</sup> Cagiano, Ronaldo. “A cidade de Ulisses”, de Teolinda Gersão, é um prato cheio para o leitor amante de narrativas híbridas”. *Jornal Opção*. 28 outubro 2017. parágrafo 3. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/cidade-de-ulisses-de-teolinda-gersao-e-um-prato-cheio-para-o-leitor-amante-de-narrativas-hibridas-108463/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

<sup>12</sup> Cagiano, Ronaldo. “A cidade de Ulisses”, de Teolinda Gersão, é um prato cheio para o leitor amante de narrativas híbridas”. *Jornal Opção*. 28 outubro 2017. parágrafo 3. . Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/cidade-de-ulisses-de-teolinda-gersao-e-um-prato-cheio-para-o-leitor-amante-de-narrativas-hibridas-108463/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

<sup>13</sup> Parte do material desta seção foi extraída do artigo *Alice e outras mulheres* que eu mesmo escrevi para a *Wikipédia* em 2020: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alice\\_e\\_outras\\_mulheres](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alice_e_outras_mulheres).

lançamento e a comemoração no Brasil dos 40 anos de carreira literária da escritora foram feitos de forma virtual e a turnê promocional da autora pelas cidades de Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Poços de Caldas também foi cancelada. Inédito para o público brasileiro, o livro apresenta textos anteriormente lançados em Portugal durante os quarenta anos da trajetória literária de Teolinda Gersão, que optou por manter a grafia original portuguesa e não utilizar o Novo Acordo Ortográfico.

Como em seus outros escritos, a autora nos propõe uma série de assuntos que se espalham com muito lirismo pelos dezoito contos que compõem a obra, levando o leitor a refletir sobre várias questões contemporâneas que há tempos vêm sendo pensadas.

Dividido em três partes, o livro faz referência em seu título à famosa personagem de Lewis Carroll. O feminino nos é apresentado como um problema complexo, como observou Nilma Lacerda (que selecionou e organizou os contos) em seu texto de apresentação “Alice e o *wicked problem..?*”. Lacerda afirma que o feminino é o eixo central da coletânea, através de seus *wicked problems* [problemas perversos, malvados], que ela traduz como “problemas complexos”, “questões carregadas de elementos contraditórios, desafiantes às maneiras habituais de pensar”.<sup>14</sup>

Intitulado de “Velhas maneiras”, a primeira parte inclui sete contos; a segunda chama-se “Maneiras de hoje” e possui quatro contos; e a última parte intitula-se “Formas em trânsito” e contém sete contos. Através de uma espécie de antecipação do que está por vir (que em língua inglesa chama-se *foreshadowing*), o leitor é apresentado ao tema central do livro a partir dos títulos das seções. Se em *A árvore das palavras* questões femininas aparecem combinadas a outras questões, neste livro, mesmo quando há outros personagens masculinos, o feminino passa a ser o foco, como um problema complexo, um tipo de enigma a ser enfrentado pelas culturas patriarcais, uma vez que o feminino sempre aparece atrelado à condição de inferioridade e silenciamento, como destaca a organizadora do livro ao ressaltar o tema condutor dos contos nele contidos. Assim, a autora possibilita a liberação das vozes silenciadas e reprimidas tanto de mulheres quanto de homens que subestimam o poder e a força identitária feminina.

Retirado do livro *Histórias de ver e andar*, o conto “Big Brother Isn’t Watching You” [“O Grande Irmão não está te observando”], faz referência ao personagem *Big Brother* [Grande Irmão] do romance *1984*, do escritor britânico George Orwell. Ao utilizar a famosa frase do romance “Big Brother is watching you” [“O Grande Irmão está te observando”] na negativa, a voz narrativa desconstrói a ideia de que é possível a ascensão

---

<sup>14</sup> Lacerda, Nilma. “Alice e o wicked problem.” In: Gersão, Teolinda. *Alice e outras mulheres*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020. pp. 7-10.

ao estrelato midiático por qualquer pessoa. De forma bastante contundente, o conto estabelece uma crítica aos valores disseminados pela cultura midiática ao exacerbar o desejo contumaz por produtos de consumo através de sua influência na vida das pessoas, principalmente sobre as mulheres e o sacrifício ao qual elas se impõem em torno da manutenção de sua imagem pública. Devido a isso, após diversas tentativas infrutíferas, um grupo de garotas resolve assassinar uma colega simplesmente com o intuito de virar notícia e, assim, atingirem a fama midiática, com destaque em diversos veículos, como podemos ver neste trecho:

Mas podiam vir, estávamos preparadas. Tínhamos emagrecido, comprado roupa nova, mudado a cor do baton e escolhido outra sombra para os olhos, que não nos íamos esquecer de abrir o mais possível, debaixo da luz dos flashes. E então foi tudo como tínhamos pensado: de repente eles aí estavam, carros, altifalantes, luzes, locutores, fotógrafos, páginas de jornais com grandes letras: *Adolescentes Matam Colega. Malefício dos Mídia. Juventude à Deriva. Ausência de Valores. Falência da Escola. Onde estavam os Pais?*<sup>15</sup>

Embora o conjunto da obra da autora esteja para além de rótulos teóricos, é impossível não percebermos uma relação de sua escrita com a literatura pop pós-moderna, cuja principal característica é a denúncia da transformação dos seres humanos em seres de consumo em um processo de reificação no qual as pessoas não medem as consequências de seus atos para atingir seus objetivos funestos, muitas vezes influenciados pela indústria midiática que controla sua vontade e seus desejos mais recônditos. Neste ponto, este conto faz companhia à obra de outros autores desta tipologia literária, como aquela dos brasileiros Roberto Drummond, Agripino de Paula e outros.

No romance *A cidade de Ulisses* também encontramos características pop nas desconstruções míticas nela operadas. O mito de Ulisses foi imortalizado tanto no clássico poema épico de Homero quanto no poema “Primeiro: Ulisses”, de Fernando Pessoa). A autora reescreve e reinscreve a história desse mito na cidade de Lisboa ao mesmo tempo que o dessacraliza, o que também constitui uma das características da tipologia literária pop. Já em *Alice e outras mulheres*, ela convida uma personagem feminina famosa (Alice, de Lewis Carroll) para ilustrar seu ambiente fictício. Apropriando-se do constante jogo de palavras presente na obra de Carroll, em “Alice in Thunderland”, o último conto da antologia (que se traduz como “Alice no país dos trovões”), Teolinda transforma “maravilhas” em

---

<sup>15</sup> Gersão, Teolinda. *Alice e outras mulheres*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020. p. 89.

“trovoadas” ao parodiar o título original de Carroll, *Alice in Wonderland* (*Alice no país das maravilhas*), criando um trocadilho jocoso. Vale a pena ressaltar que, além dos temas do universo da mídia e do consumo por ela induzida, a apropriação lúdica e jocosa, assim como trocadilhos e jogos de palavra também caracterizam a escrita pop.<sup>16</sup> Neste conto, a autora retoma a figura de Alice e cria a sua versão da história a partir do ponto de vista da própria personagem na qual os papéis são invertidos. Alice abdica de sua condição de personagem e se torna a autora e narradora da sua própria história, enquanto o autor é transformado num personagem pedófilo, como podemos ver neste trecho:

Aqui sentada à sombra das árvores, tomei essa decisão: ultrapassar o livro que ocupou o meu lugar e o meu espaço, e esteve sempre lá, em vez de mim. Voltarei portanto atrás e terei voz, sem medo de ser comentada no tribunal do tempo. Vou repor a verdade e contar eu mesma a história, tal como agora a contei, em pensamento.<sup>17</sup>

Essa metalinguagem também é encontrada no início do conto “História mal contada”, quando o narrador declara:

Esta é uma história que me foi contada. Evidentemente, mal contada. As histórias de que não fomos testemunhas nem participantes são sempre mal contadas.

No entanto, vendo bem, o mesmo se passa com as histórias em que participamos, ou de que fomos testemunhas.

De onde se pode concluir que contar não é fácil. É por isso que contamos sempre outra vez. E nunca se saberá a versão certa, que se tornaria a única, porque essa claro que não existe.

Na resenha do livro no site *O beijo*, o autor não nominado destaca que: “Por trás da escolha dos contos que compõem a seleta está o objetivo de mostrar todo o poder do

---

<sup>16</sup> Cf. Cruz, Décio. *O pop: literatura, mídia e outras artes*. Salvador: Quarteto, 2003 e Cruz, Décio. *The cinematic novel and postmodern pop fiction: The case of Manuel Puig*. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins, 2019.

<sup>17</sup> Gersão, Teolinda. *Alice e outras mulheres*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020. p. 89.

feminino, ainda que muitas vezes silenciado e, neste sentido, nada melhor do que uma das mais célebres personagens da nossa literatura e imaginário para nomear esta recolha.”<sup>18</sup>

Neste livro, como nos anteriores, além do magistral estilo sutil e sempre inovador da autora que está sempre buscando aperfeiçoar o uso inusitado da língua, encontramos ainda a singularidade do modo como ela aborda o aspecto humano de seus personagens com um cuidado e carinho especiais como se fossem seus próprios filhos.

Podemos destacar o estilo da autora que por vezes passeia pela estética pós-moderno, elegendo elementos tão caros aos Estudos Culturais, como questões identitárias e de gênero, às vezes trilhando um discurso cinematográfico e pop, tão característico deste gênero. Mas sua obra, como já afirmamos, não se restringe a rótulos de gêneros literários, já que ela transcende fronteiras discursivas.

Outro conto desse livro tem como protagonista uma menina, virgem, numa reescritura do texto evangélico sobre a vida de Jesus, o que nos remete à obra de outro grande escritor português, José Saramago, e o magistral *O evangelho segundo Jesus Cristo*. Nesta apropriação de Gersão, a virgem torna-se mulher, passando a ser a figura central da história que carrega dentro de si toda a culpa do mundo. E a autora explora o sentimento de culpa que essa jovem tornada mulher leva aonde for, culpando-se pela morte de seu filho sem que ela tenha sido a causa, numa metáfora para os sentimentos misóginos criados por certas religiões.

Assim, a autora lança o seu olhar sobre as mulheres, tentando desvendar sua alma e mostrá-las como de fato são, nem melhores nem piores do que os homens, apenas como seres que merecem a devida atenção que se deve dar a qualquer ser humano independentemente de gênero ou raça. Cada conto do livro conduz o leitor a profundas reflexões sobre cenas cotidianas e a razão de nossa existência.

### **O regresso de Júlia Mann a Paraty<sup>19</sup>**

O romance mais recente da escritora portuguesa Teolinda Gersão, *O regresso de Júlia Mann a Paraty*, é um verdadeiro primor da arte narrativa. Quando achamos que a autora já

---

<sup>18</sup> O BEIJO. “Autora portuguesa Teolinda Gersão lança o livro “Alice e Outras Mulheres”. 7 de julho de 2020. Consultado em 8 de agosto de 2022. <https://obeijo.com.br/autora-portuguesa-teolinda-gersao-lanca-o-livro-alice-e-outras-mulheres/>

<sup>19</sup> Parte deste texto foi adaptado de texto já publicado na revista *Incomunidade*. Cruz, Décio. “Um lírico triângulo psicanalítico”. *Incomunidade*. Porto, 1 fevereiro 2022. <https://www.incomunidade.com/o-regresso-de-julia-mann-a-paraty-de-teolinda-gersao-gerson-valle/>

escreveu sua obra-prima, ela surge com um lírico triângulo psicanalítico no qual ela consegue se superar cada vez mais.

Mesclando história e ficção, a autora nos lembra os romances históricos *Memórias de Adriano* (1951), de Marguerite Yourcenar, *Juliano* (1964), de Gore Vidal e *Meu querido canibal* (2000), de Antônio Torres. Contudo, ao descrever a história de três personagens famosos da nossa cultura contemporânea em uma narrativa poética de tanta beleza que extasia o leitor, a autora está mais próxima, tanto no tema como na estrutura, do romance histórico *Ana em Veneza*, de João Silvério Trevisan, que, por coincidência, também abordou, numa narrativa triangular, a vida de Júlia Mann (ou Dodô) que se entrecruza com os percursos de dois outros personagens: a escrava negra Ana, antiga ama de Júlia, e o compositor brasileiro Alberto Nepomuceno.

Mais uma vez inovando na técnica narrativa, a autora passeia por diferentes gêneros: ensaio, história, romance e poesia. Neste novo livro de Gersão, o psicanalista Sigmund Freud e o escritor Thomas Mann se encontram numa trama intrigante que envolve, ainda, a mãe do último, a teuto-brasileira Júlia da Silva Bruhns, autora de *Aus Dodos Kindheit: Erinnerungen* (1903) [*Da Infância de Dodô: Lembranças*], livro de memórias sobre sua infância no Brasil.

O romance está dividido em três partes, “Freud pensando em Thomas Mann em dezembro de 1938”, “Thomas Mann pensando em Freud em dezembro de 1930”, e “O regresso de Julia Mann a Paraty”. Assim, a autora cria um diálogo de forma epistolar no qual os dois primeiros personagens se comunicam em forma de cartas. O enredo culmina com a narrativa da mãe de Thomas Mann que estabelece o fechamento deste triângulo narrativo.

A teoria freudiana do complexo de Édipo aparece de forma invertida neste fascinante jogo textual estabelecido por Gersão. O modelo clássico freudiano, baseado na peça *Édipo Rei*, de Sófocles, preconiza que o desejo do filho pela mãe provoca o desejo da morte do pai. Em *O regresso de Julia Mann a Paraty*, a autora transforma Freud no duplo de Thomas Mann. Ela brinca com a própria teoria freudiana do duplo apresentada em “O Estranho” (1919),<sup>20</sup> quando este autor analisa as diversas conotações da palavra alemã *heimlich* e o conto *O Homem da Areia* de E. T. A. Hoffmann.

No texto de Gersão, Freud converte-se numa espécie de pai substituto por quem Mann tem desejos sexuais que subvertem o triângulo edípico. Do mesmo modo, inconscientemente, o personagem Mann almeja a morte da mãe, uma figura oriunda de

---

<sup>20</sup> Em outras traduções: “A inquietante estranheza” ou “O inquietante”, em tradução mais recente.

terras selvagens. Na vida real, essa origem mestiça causava vergonha aos filhos, levando Mann a transformá-la em personagem em diversos de seus livros.

Na primeira parte de *O regresso de Júlia Mann a Paraty*, a autora explora a ideia do duplo, como descrito por Guy de Maupassant em *Le Horla*<sup>21</sup> (e trabalhado por Freud na leitura do conto de Hoffmann), quando Freud explica a Thomas Mann porque nunca o havia procurado: “Porque sempre o vi como o meu duplo, e existe a ideia de que encontrar o seu próprio duplo é um sinal de morte. O que estou a confessar-lhe é na verdade demasiado íntimo. Evitei encontrá-lo por medo do anúncio da minha morte iminente.” Esse texto corrobora o conceito do duplo apresentado no conto de Maupassant, quando o personagem descobre que ele próprio é o seu duplo e que, para eliminá-lo, deveria se matar.

Na segunda parte, dedicada ao pensamento de Thomas Mann sobre Freud, o narrador se apodera da metalinguagem para descrever o processo criativo, que tanto serve para o escritor quanto para o psicanalista. A diferença se encontra na finalidade do discurso e o uso que dele se faz, como alfineta ao final:

Fique então sabendo que os escritores e artistas não precisam de guias, basta-lhes seguir a sua própria voz. Sem suporte nem rede, estímulo ou companhia.

Estão sozinhos perante uma tarefa que só eles podem levar a cabo. Ninguém lhes sabe indicar o caminho, mas irão segui-lo, mesmo que encontrem a morte pelo meio.

Aos escritores e artistas não se aplica portanto a regra mesquinha que o senhor impõe a seus pacientes: Deitar uma nota no seu chapéu.<sup>22</sup>

E na terceira parte, dentre outras coisas, a voz narrativa de Júlia Mann denuncia o preconceito, a escravidão e o sofrimento dos mais fracos, deixando claro de que lado da história prefere estar, revelando o estigma que ela própria sofreu na pele por ser uma brasileira, uma mestiça não-europeia na sociedade conservadora, racista e preconceituosa de Lübeck, uma pequena cidade alemã:

Oh Deus, como a vida podia ser insuportável para os mais fracos., nunca mais deveria haver escravos, sofrimento ou maus tratos, era urgente pôr fim

---

<sup>21</sup> Maupassant, Guy de. “The Horla.” *Selected Short Stories*. London: Penguin, 1971.

<sup>22</sup> Gersão, Teolinda. *O regresso de Júlia Mann a Paraty*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. 46.

a preconceitos de cor de pele, costumes ou cultura, do ser do Norte ou do Sul, abandonar essas ideias doidas de sangue impuro, misturado e mestiço.  
(123)

Teolinda é uma mestra da escrita e da pesquisa que embasa seus escritos. Este romance demonstra uma profunda investigação da vida e obra dos três personagens (e de outros a eles ligados ou não), cujos dados serviram de base para seu enredo ficcional. Por exemplo, quando Freud diz a Mann que “o Diabo é um de seus duplos” (32), o narrador está se referindo ao personagem/mito Fausto, baseado na figura histórica Georg (Johann) Faust, (1480-1540), descrito anonimamente na Alemanha em *Historia von D. Johann Fausten* (1587), também conhecido como *Faustbuch*, depois traduzido para o inglês como *The Historie of the damnable life and deserved death of Doctor John Faustus* (1592), cujo texto foi apropriado e transformado na peça de Marlowe, *The Tragical History of the Life and Death of Doctor Faustus* (1604), durante a Renascença, depois reapropriado por Goethe (1808; 1832) e reescrito por Thomas Mann em *Doutor Fausto* (1947). Portanto, aqui temos apenas algumas das diversas referências literárias e históricas que aparecem no texto de Teolinda Gersão, de forma deliberada ou não, quando dois textos, como aquele do duplo de Freud e o de Fausto de Thomas Mann, ambos com longas histórias de escritas e reescritas, dialogam entre si.

A paixão desta autora pelos seres humanos alia-se à sua sensibilidade poética e estética e se extravasa para além do universo ficcional neste livro. Através do olhar arguto para tudo que a rodeia, além das teorias psicanalíticas presentes no texto e retrabalhadas pelas tramas da ficção, como em obras anteriores, encontramos diversas críticas ao *status quo*, ao colonialismo europeu e sua arrogância, à escravidão, ao racismo e aos preconceitos, ao machismo estrutural exacerbado, à exploração do ser humano e à subjugação das mulheres. Utilizando uma linguagem poética bastante característica de toda sua escrita, a autora nos convida a passear pelas obras de Freud, de Thomas Mann, de seu irmão Heinrich e da própria Júlia. O resultado é puro lirismo de uma narrativa encantadora e cativante.

Assim, concluo este ensaio que pretende ser uma pequena amostra dos quatro livros de Teolinda Gersão publicados no Brasil, um panorama geral para aqueles leitores que ainda não a conhecem. Aos poucos, sua obra está sendo descoberta e devidamente reconhecida em nosso território, com vários estudos em todos os níveis a ela dedicados. Teolinda Gersão domina a arte de contar histórias com a sutileza peculiar de seu estilo e uma aguçada habilidade estética, aliada à singeleza, sofisticação, elegância e o encantamento

poético que só grandes escritores possuem. Ela nos apresenta uma obra construída com bastante esmero e arte e que merece ser reconhecida, mais conhecida pelos leitores mundo afora e fazer parte não só das bibliotecas, mas também dos estudos nas escolas e universidades e das discussões, acadêmicas ou não, em qualquer lugar deste planeta.

## Obras citadas

- Anônimo. *Historia von D. Johann Fausten, dem weitbeschreyten Zauberer und Schwartzkuenstler* [ ... ]. Frankfurt am Main: Spies, 1587.
- Cagiano, Ronaldo. “A cidade de Ulisses” de Teolinda Gersão, é um prato cheio para o leitor amante de narrativas híbridas.” *Jornal Opção*. 2017. <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/cidade-de-ulisses-de-teolinda-gersao-e-um-prato-cheio-para-o-leitor-amante-de-narrativas-hibridas-108463/>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- Cruz, Décio, editor. “Um lírico triângulo psicanalítico.” *Incomunidade*. Porto, 2022. <https://www.incomunidade.com/o-regresso-de-julia-mann-a-paraty-de-teolinda-gersao-gerson-valle/>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- . *O pop: literatura, mídia & outras artes*. Salvador, Quarteto, 2003
- . *The cinematic novel and postmodern pop fiction: The case of Manuel Puig*. Amsterdão e Filadélfia, John Benjamins, 2019.
- Freud, Sigmund, editor. “Das Unheimliche.” *Gesammelte Werke*. London, Standard, 1919.
- . “O estranho.” *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Traduzido por Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, vol. 17, 1976, pp. 275-314.
- . “O inquietante.” *Obras completas*. Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, vol. 14, 2010, pp. 329-376.
- . *Obras Completas Volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- Gersão, Teolinda. *Teolinda Gersão*. <https://teolindagersao.com/>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- . *A árvore das palavras*. São Paulo, Planeta, 2004.
- . *A cidade de Ulisses*. Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2017.
- . *Alice e outras mulheres*. Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2020.
- . *O regresso de Júlia Mann a Paraty*. Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2021.
- Goethe, Johann von. *Fausto*. Traduzido por António Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1948.
- Hoffmann, E. T. A. *O homem da areia*. Traduzido por Ary Quintella. São Paulo, Rocco, 1986.
- Lacerda, Nilma. “Alice e o wicked problem.” *Alice e outras mulheres*. Editado por Teolinda Gersão. Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2020. pp. 7-10.
- Mann, Julia. *Aus Dodos Kindheit: Erinnerungen*. Konstanz, Rosgarten Verlag, 1958.

- Mann, Thomas. *Doutor Fausto*. Traduzido por Herbert Caro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- Marlowe, Christopher. *The Tragical History Of Doctor Faustus*. London, Aldine House, 1897
- Maupassant, Guy de. “The Horla.” *Selected Short Stories*. London, Penguin, 1971.
- O Beijo. “Autora portuguesa Teolinda Gersão lança o livro “Alice e Outras Mulheres.” 7 de julho de 2020. <https://obeijo.com.br/autora-portuguesa-teolinda-gersao-lanca-o-livro-alice-e-outras-mulheres/>. Acesso em: 8 de ago. 2022.
- Rios, Dinameire Oliveira Carneiro. *Vozes dissonantes: a representação da mulher colonial no novo romance histórico*. Salvador, UFBA, 2019. Tese de doutorado. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28744>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- Rita, Annabela de Menezes, e Bezerra, Roberto, organizadores. “Dossiê Teolinda Gersão: 40 anos de vida literária.” *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, vol. 41, no. 66, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2021, pp. 1-141.
- Torres, Antônio. *Meu querido canibal*. Rio de Janeiro, Record, 2013.
- Trevisan, João Silvério. *Ana em Veneza*. São Paulo, Círculo do Livro, 1994.